

Declarações causam reações na Funai

Os funcionários da Funai em Campo Grande reagiram de forma indignada às declarações prestadas ao **Correio do Estado** pelo presidente do órgão, Sidney Possuelo, publicadas na edição de ontem. O presidente regional da associação nacional dos servidores da fundação, Vanderlei Galeano, disse que os funcionários ficaram revoltados com as afirmações do presidente, que deverá ser recebido de uma maneira "fria", quando chegar hoje a Campo Grande, para participar da solenidade de posse do novo administrador regional, Joel de Oliveira. Galeano aproveitou para fazer uma denúncia: o presidente contratou uma pessoa fora do quadro de funcionários para ocupar o posto indígena de Limão Verde, infringindo a lei 8.112, artigos 9º e 10º, que determinam que apenas funcionários com curso técnico em indigenismo, podem ocupar cargos de chefia e assessoramento.

Na entrevista, concedida na aldeia Limão Verde, em Amambai, Possuelo minimizou o trabalho voluntário dos funcionários

da Capital, que chegaram a rifar uma bicicleta e promover um churrasco para tentar salvar a Casa do Índio, falida ("uma rifa não vai resolver o problema dos índios"); disse ainda que a Funai está cheia de funcionários ociosos e ineficientes, e confundiu-se, segundo os funcionários, ao dizer que a fundação tinha uma superintendência em Campo Grande "com cento e tantos funcionários". Galeano informou que a Capital nunca teve superintendência (quando existia, funcionava em Cuiabá), e a administração regional da Capital possui 66 funcionários, muitos acumulando funções.

Galeano explicou que a maior revolta dos funcionários ficou por conta do tom depreciativo dado ao presidente sobre as atividades voluntárias desempenhadas pelos funcionários, como a rifa feita para socorrer a Casa do Índio. "Não era esse o tratamento que esperávamos em relação aos funcionários da Funai, que têm que tirar dinheiro dos próprios bolsos para pagar diárias, correspondência da Funai".

Galeano lembrou que os funcionários chegaram a fazer campanhas de arrecadação para ajudar a Casa do Índio, órgão da Funai destinada a acolher e dar apoio aos índios que necessitam de cuidados médicos.

O presidente regional da associação explicou que os funcionários, pelo contrário, esperavam até uma palavra de apoio a essas iniciativas voluntárias. "Ganhamos um salário de fome, mas ainda assim tentamos fazer o possível", diz ele. Galeano acha que Possuelo cai numa grande contradição, ao dizer que na Funai há muitos funcionários "ineficientes" mas, ao mesmo tempo, contrata uma pessoa sem as qualificações técnicas necessárias. Galeano disse que o próprio presidente determinou a substituição, no final do ano passado, do chefe do Posto Indígena de Limão Verde, Liberato Itamar Arriola, técnico indigenista, por uma pessoa sem formação específica (curso técnico).

"O presidente diz que não gosta de política, mas só vejo motivos políticos para a substituição

do chefe", diz Galeano. A nomeação foi questionada pela associação através de um ofício encaminhado em dezembro a Sidney Possuelo, até hoje sem resposta. A entidade cobrava a aplicação da lei 8.112, que trata do regime jurídico único. Os artigos 9º e 10º prevêem que apenas funcionários do quadro de carreira, com formação técnica, podem ocupar cargos ou funções de chefia e assessoramento.

O presidente da Funai deverá estar hoje em Campo Grande. Na sede da Associação Comercial, ao meio-dia, ele dará posse ao novo administrador regional da Funai em Campo Grande, Joel de Oliveira, que substituiu Raimundo Nonato Rosa. Oliveira, 45 anos, técnico indigenista, de 1977 a 80 foi chefe da 9ª ADR (Administração Regional, compreendendo estado de Mato Grosso), 80 a 84, assistente técnico da Sudeco, 84 a 86, assessor de diretoria da Funai em Brasília, 86 a 87, assessor da 2ª Suer (Superintendência Regional) e de 87 a 90, chefiou o Posto Indígena de Bodoquena.